

UM CERTO DEVOTO

Um homem que se entregara à devoção
 Havia muito tempo andava em ansiosa espera,
 Queria ver Jesus.
 Por isso, quase sempre, em profunda oração,
 Vivia em súplica sincera...
 Até que, certa noite,
 Viu, reverente, o Mestre
 Que o abraçava e prometia,
 Com palavras de aviso terno e exato,
 Visitá-lo no dia imediato.

O devoto acordou... Amanhecia...

Antes que o Sol surgisse, inteiramente,
 Apresentando a Terra em novas cores,
 O amigo de Jesus, agindo como em festa,
 Varre a casa modesta,
 Depois, ei-lo a enfeitá-la,
 Desde a pequena sala
 Ao fogão da cozinha limpa e estreita,
 Com dezenas de flores,
 Estampando na face a alegria perfeita.

Logo pela manhã,
Bateu-lhe à porta um pobre em roupa esfarrapada,
Mostrando pés e mãos em estranhas feridas,
A rogar-lhe uns minutos de pousada,
Através de expressões enternecidadas,
Alegando sofrer tribulações

De comprida jornada.

Mas o devoto respondeu:

— Amigo, segue adiante,

O seu caso é comum,

Espero por alguém muito importante

Não tenho tempo algum.

O mendigo saiu, cambaleante,

Depois de agradecer.

Em seguida apareceu
Triste rapaz errante,
Demonstrando, no todo, traço a traço,
Febre, penúria e dor, indigência e cansaço,
Suplicando socorro ao devoto feliz...

Ele, porém, lhe diz:

— Põe-te à frente, rapaz, não tenho neste mundo,
A obrigação de abrir a porta de meu lar
A qualquer vagabundo...

Logo após, um menino pobre e triste
 Surgiu descalço e só,
 Corpo todo a encobrir-se sob o pó
 Das veredas difíceis que trilhara...
 Pedia pão e abrigo,
 Mas falou o devoto em voz segura e clara:
 — Hoje, espero um amigo,
 Não posso recolhê-lo,
 Peça pão ao vizinho
 E segue o teu caminho...
 Aliás, para mim, é simples desmazelos
 Dos lares sem amor
 Que deixam a criança, um garoto qualquer,
 Pedir, pedir, pedir e andar como quiser
 Para depois fazer-se malfeitor...

Mais tarde, ao fim do dia,
 Um velhinho doente, arrimado a um bordão,
 Respeitoso, rogava compaixão,
 Receava dormir exposto à noite fria
 E sair, ao relento,
 Aumentando a fadiga e o sofrimento.
 O devoto, no entanto, informou da janela:
 — Não posso dar-te asilo,
 Não bata à minha porta nem te escores nela...
 Aguardo alguém; contudo, segue em frente,
 Neste mesmo lugar encontrarás mais gente
 Que possa agasalhá-lo.
 Desculpa-me a recusa,
 É um amigo importante esse alguém de quem falo...
 Espero que terás leito e pousada
 Na primeira pensão, à direita da estrada.

O dia terminou, e a noite veio escura,
 O devoto chorou, tomado de amargura,
 Mas dormiu e sonhou que reencontrava o Cristo.
 Assombrado, gritou: — Por que, por que, Senhor,
 Não me queres a fé, nem me aceitas o amor?
 Preparei minha casa com cuidado
 A fim de demonstrar-te todo o meu carinho,
 E não quiseste vir ao meu recanto...

— Como não? — disse o Mestre em doce
 explicação.
 — Hoje, por quatro vezes fui
 A tua casa, em vão.
 Por muito que te achasse, eu me via sozinho...
 Finda uma pausa, o Mestre esclareceu:
 — Recorda, amigo meu,
 O mendigo, o rapaz, o menino e o velhinho...
 Sei que teu coração não percebeu,
 Mas nos quatro viajores do caminho
 Estava eu
 A estender-te clarão renovador
 E te buscar em meu imenso amor.

Nisso, o devoto em pranto
 Voltou ao corpo e veio a despertar...
 E, relembrando o ensino, trêmulo de espanto,
 Começou a pensar...

Maria Dolores